



## DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA: UMA EXPERIÊNCIA COM MESTRANDOS EM CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS

Maiza Taques Margraf Althaus<sup>1</sup> - PUCPR

Grupo de Trabalho - Metodologias para o Ensino e Aprendizagem no Ensino Superior  
Agência Financiadora: não contou com financiamento

### Resumo

O presente trabalho descreve e analisa uma experiência desenvolvida na disciplina de Prática em Docência no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências Farmacêuticas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, Brasil, no primeiro semestre de 2015. Um dos objetivos do trabalho com a disciplina é contribuir com a formação pedagógica inicial e o desenvolvimento profissional para o ensino superior, por meio da discussão teórica e prática de pesquisas sobre os processos de ensino, aprendizagem e avaliação para a docência universitária. As atividades propostas aos mestrandos consistiram no planejamento didático e na vivência de uma aula universitária, com base nos pressupostos trazidos por Anastasiou e Alves (2006) acerca da aula expositiva dialogada como estratégia didática, e também por Imbernón (2012), sobre a aula como processo de comunicação. Apresentamos aos mestrandos uma rubrica de coavaliação e autoavaliação, sob o enfoque formativo, a partir de três questionamentos, para observação e registro durante cada aula ministrada, com destaque para críticas, propostas e felicitações a cada colega, tendo como norte os critérios estabelecidos em relação aos objetivos de aprendizagem. Após o desenvolvimento das práticas em docência, cada mestrando apresentou sua autoavaliação sobre o trabalho desenvolvido, o que nos permitiu concluir que as práticas de avaliação formativa empreendidas nesta experiência foram significativas ao processo formativo na docência universitária, considerando-se ser essencial que os mestrandos aprendam a avaliar o trabalho realizado para experiências futuras como professores atuantes no ensino superior. Outrossim, a experiência realizada apontou para o fato de que os alunos passaram a desenvolver maior autonomia e consciência de suas práticas, fundamentando-se nos referenciais trabalhados na disciplina. Além disto, indicou ser possível romper com práticas esporádicas de avaliação na docência universitária, direcionando-a numa perspectiva formativa, em que os processos de ensino e aprendizagem são constantemente avaliados por todos os envolvidos.

**Palavras-chave:** Docência universitária. Avaliação Formativa. Metodologias.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela PUCPR. Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa. [www.maiza.com.br](http://www.maiza.com.br).  
E-mail: [professoramaiza@uol.com.br](mailto:professoramaiza@uol.com.br).

## Introdução

O pensamento pedagógico de Dewey (2010, p.28) nos ensina que a qualidade de qualquer experiência possui dois aspectos: "o aspecto imediato de ser agradável ou desagradável e o segundo aspecto que diz respeito a sua influência sobre experiências posteriores". O objetivo do presente trabalho insere-se no segundo aspecto, pelo desafio em socializar os resultados de uma experiência didática desenvolvida no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências Farmacêuticas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, por meio da disciplina de Prática em Docência, no primeiro semestre de 2015.

A complexidade da docência universitária expressa-se não somente pelo ponto de vista pedagógico, mas também pelo ponto de vista "político, social, intelectual, psicológico e pedagógico, cujos saberes e competências imprescindíveis ao seu exercício, a configuram como um campo específico de intervenção profissional." Como nas demais profissões, estes saberes não podem ser adquiridos por imitação, "mas sim mediante uma formação específica e consistente" (CUNHA; SOARES, 2010, p. 30).

No tocante ao conjunto de ações que desenvolvem os professores na docência universitária, a prática da avaliação constitui-se um fazer que requer especial atenção. Para Severino (2008, p.27), "avaliar o desempenho do discente é a tarefa mais delicada da vida acadêmica de professores e alunos".

O foco central da experiência que aqui será discutida volta-se para o relato da disciplina de Prática em Docência, enfatizando-se as práticas formativas de coavaliação e autoavaliação vivenciadas com um grupo de seis mestrados participantes do curso. Ao propormos este relato, ratificamos que, ao discutir mudanças nas práticas de avaliação, também discutimos a cultura da organização das instituições, colocando em questão os modos individualistas e o trabalho isolado que têm marcado historicamente nossa profissão (CATANI; GALEGGO, 2009, p.79).

A avaliação com finalidade formativa é aquela que tem como propósito favorecer a melhora de algo, ou seja, dos processos de ensino e de aprendizagem, de um projeto educativo ou mesmo de um material pedagógico (SACRISTÁN; GÓMEZ, 1998, p.328).

No caso da experiência em tela, nosso propósito era que, ao buscar envolver os mestrados nas práticas de autoavaliação e coavaliação, durante as aulas que ministravam, passassem a tomar consciência de suas próprias práticas, na medida em que observavam os critérios em ação durante as práticas de docência que foram desenvolvidas.

## **Notas sobre a experiência com avaliação formativa na docência universitária**

No primeiro semestre de 2015, na Universidade Estadual de Ponta Grossa, especificamente no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências Farmacêuticas, desenvolvemos a disciplina de Prática em Docência com um grupo de seis mestrados, sendo um deles aluno especial, matriculado voluntariamente na modalidade de disciplina isolada.

Um dos objetivos do trabalho com a disciplina é contribuir com a formação pedagógica inicial e o desenvolvimento profissional para o magistério superior, por meio da discussão teórica e prática de pesquisas sobre os processos de ensino, aprendizagem e avaliação no magistério superior.

Na pauta da disciplina, a temática da gestão da aula universitária, em especial por meio do desenvolvimento de aulas expositivas dialogadas, constitui-se em desafio aos alunos, por buscar a superação do chamado paradigma conservador e transmissor do conhecimento (BEHRENS, 2010; FREIRE, 2015; ANASTASIOU; ALVES, 2006).

Para além da dimensão instrumental de uma didática pautada na racionalidade técnica, a disciplina de Prática em Docência desafia os mestrados a participarem ativamente dos encaminhamentos da disciplina, como protagonistas de suas aprendizagens, em especial por meio das práticas de avaliação formativas. Sob este enfoque, as intervenções são realizadas durante a aprendizagem, possibilitando ao professor reorientar e ressignificar o ensino em desenvolvimento. Mais do que ser avaliado pelo docente, os mestrados avaliam-se mutuamente, edificando seu processo de formação pedagógica.

Tomou-se por premissa que os mestrados, ao reconhecerem a importância da construção de uma visão da avaliação como um processo articulado ao ensino e à própria aprendizagem, oportunizam a construção da sua ação didática numa perspectiva reflexiva: "a avaliação com fins formativos serve à tomada de consciência que ajuda a refletir sobre um processo, insere-se no ciclo reflexivo da investigação na ação [...] pretende ajudar a responder à pergunta de como estão aprendendo e progredindo (SACRISTÁN, GÓMEZ, 1998, p.329):

O conceito de avaliação formativa foi criado, por Scriven, em 1967, sendo inicialmente utilizado no âmbito restrito da avaliação curricular. Foi Bloom e seus colaboradores que, pela primeira vez, em 1971, utilizaram a avaliação formativa, chamando a atenção para a importância dos processos a desenvolver pelos docentes de forma a adequarem as suas práticas às dificuldades de aprendizagem detectadas nos alunos (BARREIRA et al., 2006, p.96).

O alerta trazido por Hadji (2001, p.21) esclarece o conceito de avaliação formativa, ao dizer que "uma avaliação que não é seguida por uma modificação das práticas do professor tem poucas chances de ser formativa", ou seja, quando correções são feitas, têm o objetivo de melhorar o desempenho dos estudantes (em suas aprendizagens) tanto quanto a ação de ensino do professor (em seu ensino). Por isso, ensina o autor, a avaliação formativa informa os atores do processo educativo. A real finalidade da avaliação com fins formativos é melhorar as aprendizagens em curso, ou seja, por meio de um processo de regulação permanente (ANASTASIOU; ALVES, 2006, p.126).

Na experiência que desenvolvemos na Universidade Estadual de Ponta Grossa, as atividades propostas aos mestrandos foram assim orientadas: o planejamento didático e a vivência de uma aula universitária, considerando-se que a abordagem de avaliação destas práticas seria a avaliação formativa, tanto para o professor regular suas ações quanto para os mestrandos tomarem consciência das suas dificuldades, tornando-se responsáveis em coavaliarem-se mutuamente.

Quando apresentamos aos alunos os instrumentos de avaliação da disciplina, destacamos que nossa prática seria pautada num processo compartilhado entre professor e alunos, num sentido de encorajamento, visando cada mestrando a potencializar suas aprendizagens. Em outras palavras, os alunos não dependeriam tão somente do professor para obter a apreciação qualitativa de suas aprendizagens, considerando-se que a avaliação, quando integrada aos processos de ensino e aprendizagem, torna-se um processo contínuo e participativo, além de ser multidirecional.

O conteúdo para o desenvolvimento da aula expositiva dialogada seria de livre escolha, a partir de seus objetos de estudo nas pesquisas que vêm desenvolvendo, com base dos pressupostos concebidos por Imbernón (2012), que trouxe importantes conceitos sobre a aula como processo de comunicação, com ênfase no desafio de eliminar a aula transmissora de conhecimentos na universidade: "Estabelecemos uma constante retroalimentação (feedback) que desempenha um papel muito importante na comunicação didática, porque nos diz como nossa mensagem está sendo interpretada e compreendida" (IMBERNÓN, 2012, p.35).

Segundo o autor, a aula expositiva, também conhecida como aula magistral no ensino superior:

[...] foi a metodologia mais utilizada durante séculos [...] O problema não está na aula expositiva, mas em como ela se apresenta na prática, como se realiza a transmissão do conhecimento, de que maneira acontece; ou seja, como essa aula expositiva se transforma em uma aula transmissora de comunicação unidirecional e entediante [...] A aula expositiva terá de romper essa inércia com perguntas, atividades, participação, exemplos, audiovisuais, mudanças de assunto, recursos variados, etc.

Outro referencial que contribuiu ao estudo na disciplina de Prática em Docência, para fundamentação das aulas que seriam desenvolvidas, foi a obra de Anastasiou e Alves (2006), especificamente no tocante aos elementos determinantes da aula expositiva dialogada, que vem sendo proposta como superação da tradicional palestra docente.

Nesta estratégia, é importante ouvir os alunos, de modo que sua participação seja ativa, "buscando identificar sua realidade e seus conhecimentos prévios, que podem mediar a compreensão crítica do assunto e problematizar essa participação. O forte desta estratégia é o diálogo, com espaço para questionamentos, críticas e solução de dúvidas [...]". Na aula expositiva dialogada, procura-se superar a passividade, para que os estudantes obtenham e organizem dados, além de interpretarem criticamente os conteúdos. É muito importante ouvir os estudantes. Neste particular, Freire, na obra *Pedagogia da Autonomia*, também afirmou ser necessário ao professor escutar o aluno em suas dúvidas, em seus receios, e neste processo, o professor aprende a falar *com* ele (FREIRE, 2015, p.117).

Somados a estes referenciais, foram dedicados alguns encontros com os mestrandos para a organização das práticas em docência, que foram desenvolvidas em duplas e também individualmente.

Os alunos, ao mesmo tempo que foram avaliados pela professora e pelos colegas (coavaliação ou avaliação pelos pares), também realizaram sua autoavaliação, por meio dos critérios estabelecidos. Segundo Lopes e Silva (2012, p.29):

A autoavaliação e a coavaliação fazem-se em relação a objetivos ou critérios de apreciação precisos, determinados antes do início das atividades, e podem ser realizadas de várias formas: portfólio, diário, reunião individual ou questionário. O que distingue a autoavaliação da coavaliação é que, no primeiro caso, o aluno aprende sobre a aprendizagem, refletindo sobre o seu próprio trabalho ou sobre as suas próprias atividades; no segundo caso, o aluno aprende refletindo sobre as atividades e os resultados de aprendizagem dos outros alunos.

Nos encaminhamentos dos trabalhos, apresentamos as rubricas de coavaliação e autoavaliação (que foram entregues impressas), tendo como norte os critérios estabelecidos em relação aos objetivos de aprendizagem que foram apresentados durante todas as aulas. A

rubrica estabelecia três questionamentos para observação e registro durante cada prática em docência que foi ministrada, assim dispostos no Quadro 1:

Quadro 1 – Rubrica para observação e registro das práticas em docência

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS DISCIPLINA DE PRÁTICA EM DOCÊNCIA 2015			
Após o desenvolvimento das PRÁTICAS EM DOCÊNCIA, avalie cada colega, considerando as seguintes questões:			
O que você <u>elogia</u> em relação à Didática adotada pelo colega.			
O que você <u>critica</u> em relação à Didática adotada pelo colega.			
O que você <u>propõe</u> como possíveis mudanças em relação à Didática adotada pelo colega (ou seja, como <u>você</u> faria diferente? Justifique.).			
COLEGAS ↓	QUESTÃO 1	QUESTÃO 2	QUESTÃO 3

Fonte: A autora (2015)

Cumpra esclarecer que, na terceira questão proposta, a autoavaliação se faz presente, numa perspectiva de análise sobre a sua didática. Nossa motivação para propor uma rubrica de coavaliação e autoavaliação aos mestrados a partir da proposição destes questionamentos – criticar, propor e elogiar – advém dos princípios de um grande clássico na educação: Celestin Freinet, que, não obstante tenha na educação da infância sua maior contribuição, repercute de modo significativo até o magistério superior.

Sob a ótica da rubrica apresentada, a avaliação assumiu a perspectiva de avaliação *para* a aprendizagem e *como* aprendizagem (e não somente *da* aprendizagem), por promover:

[...] a confiança e a autoestima dos alunos através da melhoria da compreensão da forma como aprendem. O foco na reflexão do aluno sobre a sua aprendizagem é também poderoso na construção da metacognição e da competência para planificarem as suas metas futuras de aprendizagem [...] O poder da avaliação formativa é duplo: pelo feedback que dá aos professores sobre a eficácia das aulas e das atividades desenvolvidas; pelo feedback que dá aos alunos sobre o grau em que a sua aprendizagem e o seu trabalho correspondem às expectativas e às metas de aprendizagem e objetivos pretendidos (LOPES; SILVA, 2012, p.5;15).

Na dinâmica dos trabalhos, gravamos em vídeo os depoimentos orais de cada mestrando quando socializavam seus registros da rubrica para a turma. Em linhas gerais, as avaliações foram extremamente bem pontuadas, com ênfase na análise crítica dos critérios que havíamos estabelecido com o grupo, direcionando suas observações para a qualidade do trabalho didático da aula desenvolvida pelos colegas. Outro aspecto que foi expressivamente inscrito pelos alunos foi a relação das aulas ministradas, intituladas Práticas em Docência (mesma nomenclatura da disciplina do curso), com as obras que tínhamos estudado anteriormente (ANASTASIOU; ALVES, 2006; IMBERNÓN, 2012) sobre aula expositiva dialogada. As tentativas do exercício de aproximação teoria e prática evidenciaram-se nestas análises, que foram compartilhadas com o grupo. A observação dos vídeos com os depoimentos constitui-se material de investigação para um projeto de pesquisa que pretendemos desenvolver.

Outro aspecto a considerar neste relato foi o momento da socialização dos registros feitos na rubrica impressa, que cada mestrando preenchia. Para muito além dos aspectos pontuais ali elencados, em relação à ação didática desenvolvida pelo colega, a perspectiva presente era sempre de oportunizar uma reflexão coletiva sobre a docência universitária, pois os conceitos de aula expositiva dialogada eram ressignificados. O tempo mais rico das práticas em docência que foram apresentadas foi, indubitavelmente, o momento das interações a partir da coavaliação e autoavaliação. Romper com a prática unilateral da avaliação, em que somente um sujeito é avaliado por outro e adentrar num percurso onde todos avaliam-se mutuamente foi um desafio do trabalho realizado.

Após o trabalho concluído, propusemos aos mestrandos um exercício de autoavaliação, por meio da construção de um posicionamento pessoal, por escrito, considerando o seguinte questionamento: de que modo a utilização da rubrica com os dizeres *o que eu critico, o que eu felicito e o que eu proponho*, em relação à didática adotada pelo colega, contribuiu para o seu processo de formação pedagógica para a docência universitária? Cada citação a seguir expressa o posicionamento de um mestrando:

*Esta avaliação pelos colegas ajuda a quebrar padrões e vícios, amplia as possibilidades e aperfeiçoa detalhes, além de aumentar a autoestima e confiança. Acho essencial que não seja só um levantamento de pontos negativos, que se proponha o diferente e que percebesse os pontos fortes e ressaltasse os fracos. Aproveito pra propor que as avaliações fiquem com o avaliado. (MESTRANDO 1).*

*Achei uma ótima oportunidade de avaliação. Quando você precisa avaliar o colega, você presta mais atenção em todos os detalhes da apresentação. Todos os comentários fazem a gente crescer, mas as críticas construtivas fazem crescer muito mais. (MESTRANDO 2).*

*Avaliar com estas perguntas ao colega me faz aprofundar a análise tanto do colega como de mim, é também um intercâmbio indireto de ferramentas, de recursos e experiências. E principalmente foi para mim uma abordagem multidimensional para a elaboração de uma aula pelas participações dos meus colegas. (MESTRANDO 3).*

*Esta ficha me representa crescimento mútuo entre os colegas. Ter a oportunidade de ser criticado, no momento da minha prática, me ajudou consolidar a teoria da disciplina e observar detalhes importantes da minha apresentação, os quais por mim mesma teriam sido despercebidos. É um feedback do meu público que se soma à autoavaliação. (MESTRANDO 4).*

*Eu vou falar da minha experiência: eu achei excelente este tipo de avaliação. Eu sempre anotava na minha ficha as críticas e sugestões de melhorias que meus colegas me deram, pois sei os pontos os quais tenho que melhorar. E é claro, receber elogios é muito bom, principalmente para percebermos que fizemos uma boa escolha, somos semeadores do aprendizado. (MESTRANDO 5).*

*Esta ficha de avaliação do colega foi para mim algo extremamente positivo, pois através desta didática eu consegui colocar em prática os tópicos trabalhados na disciplina...as críticas são sem dúvida as que mais crescemos e os elogios nos impulsionam para sermos melhores. (MESTRANDO 6)*

A partir das manifestações, compreendemos que o ponto principal das práticas de coavaliação e autoavaliação que foram registradas refere-se ao fato de que se constituíram uma ferramenta importante tanto para a professora quanto para os alunos, contribuindo para que os mestrandos se tornassem capazes de orientar suas próprias aprendizagens (LOPES; SILVA, 2012). Outro aspecto presente, como relatado, foi o compromisso assumido com a prática da observação, atenta a cada prática em docência desenvolvida, ou seja, focalizou-se o olhar nos critérios estabelecidos, contribuindo, deste modo, para o aperfeiçoamento da própria prática, como destacou o mestrando 4, ao dizer: "é um feedback do meu público que se soma à autoavaliação".

Para Severino (2008, p.28), "a intervenção avaliativa do professor só se legitima quando subsidia o aluno na tomada de decisões com vistas ao redirecionamento de seu próprio proceder, tornando-o mais relevante para a construção de sua autonomia intelectual.". Nesta experiência, a proposição feita aos mestrandos voltou-se para este direcionamento, ou seja, assumirem-se com protagonistas de suas aprendizagens na formação pedagógica para a



docência universitária, envolvendo-se com as avaliações sobre seus próprios trabalhos e dos colegas.

### **Reflexões finais**

Perrenoud, ao tratar da tomada de consciência na prática reflexiva dos professores em formação, afirma que a noção de consciência profissional assume um novo sentido quando passa por um "esforço contínuo de tomada de consciência sobre o modo de enfrentamento dos obstáculos existentes, e, nesses momentos, pensamos como podemos ser melhores enquanto compreendemos com mais clareza como agir e, assim, transformamos nossas práticas" (2008, p.156).

Os mestrandos, ao desenvolverem o processo de coavaliação e autoavaliação nas práticas de docência, assumiram uma postura crítica e reflexiva sobre a construção da ação didática na docência universitária, pois as intervenções – a partir dos questionamentos na rubrica que foi criada – com os tópicos o que critico, o que felicito e o que proponho, incidiram não somente na qualificação da docência, mas, sobretudo, no compromisso sobre ensinar e aprender avaliando, numa perspectiva formativa.

Ao buscarem aprender a autoavaliar-se e coavaliar-se mutuamente, os mestrandos refletiram sobre suas experiências em prática de docência, num processo de construção de seu percurso pedagógico formativo, com consciência dos critérios que foram qualitativamente atingidos, bem como daqueles que ainda careciam de avanços ou ajustes. Ao mesmo tempo em que aprenderam, por meio de suas práticas avaliadas pelos pares e pela professora, também desenvolveram a atitude autoavaliativa, numa perspectiva de reflexão sobre a prática.

Além disto, pretendemos mobilizar pesquisadores que se dedicam à temática da docência universitária, no que respeita às discussões sobre a prática docente. Espera-se que a experiência aqui trazida possa, de algum modo, repercutir em outros cenários de promoção da aprendizagem da docência universitária.

### **REFERÊNCIAS**

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. **Processos de ensinagem na Universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville: Univille, 2006.

BARREIRA, Carlos et al. Avaliação formativa: novas formas de ensinar e aprender. **Revista portuguesa de pedagogia**, ano 40, p. 95-133, 2006.

BEHRENS, Marilda Aparecida. Docência universitária num paradigma da complexidade: possibilidades de formação continuada no stricto sensu. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 10, n. 29, p.27-44, jan./abr. 2010.

CATANI, Denice Barbara; GALEGGO, Rita de Cassia. **Avaliação**. São Paulo: Unesp, 2009.

CUNHA, Maria Isabel da; AZEVEDO, Maria Antônia Ramos de. Qualidade do ensino e ação institucional. In: MOROSINI, Marilia (Org.). **Qualidade da educação superior: dimensões e indicadores**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. p.335-350.

CUNHA, Maria Isabel da; SOARES, Sandra Regina. **Formação do professor: a docência universitária em busca de legitimidade** [online]. Salvador: EDUFBA, 2010. 134 p.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. Petrópolis: Vozes, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

HADJI, Charles. **Avaliação desmistificada**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

IMBERNÓN, Francisco. **Inovar o ensino e a aprendizagem na universidade**. São Paulo: Cortez, 2012.

LOPES, José; SILVA, Helena Santos. **50 técnicas de avaliação formativa**. Porto: Lidel, 2012.

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SACRISTÁN, Gimeno; PÉREZ GÓMEZ, Ángel I. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Ensino e pesquisa na docência universitária: caminhos para a integração**. São Paulo: USP, 2008.